

O Café nos Livros

ARAGUAYA F. MARTINS

Sob o título "Café", Elza Coelho de Souza escreveu interessante trabalho, que foi reunido à coletânea publicada pelo I.B.G.E. — Conselho Nacional de Geografia, com o nome de "Tipos e Aspectos do Brasil". Essa notável coleção de excertos da Revista Brasileira de Geografia, em edições muito bem cuidadas, tem contribuído para que o Brasil seja mais conhecido dos brasileiros. Temos em mãos a 6.ª edição, publicada em 1956. Tipos e aspectos das regiões Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste do Brasil são examinados nesse volume. O café não poderia faltar na paisagem do Sul. Vejamos o que nos revela, sobre o assunto, Elza Coelho de Souza:

"Tão importante foi a influência da cultura do café no progresso e na civilização brasileira, que mereceu de eminente estadista do Império a justa apreciação de que o "Brasil é o café".

De fato, foi o café o modelador da fisionomia econômico-social do Brasil centro-meridional. Por onde se estenderam os cafezais, estradas se abriram e cidades apareceram. Deu ele origem, nos tempos do Império, à opulenta aristocracia latifundiária fluminense; fez a riqueza e tornou-se o propulsor capital do progresso de S. Paulo, e, para dentro das nossas fronteiras, canalizou os recursos necessários à instalação das grandes indústrias.

Durante décadas todo o nosso desenvolvimento e progresso estiveram estreitamente ligados à paisagem das colinas riscadas de cafezais alinhados. Qual centro de atração, todos os esforços convergiam para a produção do "ouro verde".

O cultivo do café, iniciado, justamente, quando se verificava a crise da mineração, deu ao Brasil muito mais riquezas do que o ouro extraído das suas minas ou lavado nos seus rios.

As terras cansadas, abandonadas pelo café, logo em seguida, se despojavam e empobreciam. As terras virgens por ele conquistadas, enchiam-se de uma ativa, de um trabalho febril, se enriqueciam e progrediam. O café foi, e continua sendo, o principal produto de exportação e o esteio da economia brasileira.

Transplantado da Guaiana e introduzido no Pará, ao que se presume, em 1727, pelo sargento-mór Francisco de Melo Palheta, o café, da família das rubiáceas e gênero *Coffea*, não encontrou no norte do país condições ecológicas próprias ao seu desenvolvimento. Numa peregrinação de quase meio século, atingiu o Rio de Janeiro, graças ao desembargador João Alberto Castelo Branco, que importou sementes do Maranhão. Plantadas na chácara dos Barbadinhos, frades capuchinhos italianos, deram origem aos extensos cafezais que se estenderam pelas províncias do Rio, Minas Gerais e S. Paulo. Uma nova época se iniciava, então, para a economia brasileira: a época áurea do café.

Cultivado, inicialmente, na região de "serra abaixo", entre a serra do Mar e o oceano, os cafezais galgaram logo as encostas, em busca de condições climáticas mais apropriadas, ganhando, assim, o vale do Paraíba. Daí se irradiaram as culturas, que alcançaram, em princípios do século XIX, a "Zona da Mata", em Minas Gerais e caminharam para o sul em direção a S. Paulo. Até então, toda a pro-

dução de café se escoava pelo pórtio do Rio de Janeiro.

Ainda antes de findar aquele século, em S. Paulo, o vale do Paraíba, imprópriamente chamado zona norte, e a zona central atingiram o seu auge na produção cafeeira. Ambas eram zonas já exploradas e povoadas. As plantações de café se instalaram em torno dos núcleos anteriormente estabelecidos e à margem das vias de comunicação.

Deste modo, a província de S. Paulo se foi, ao poucos, colocando na vanguarda das regiões cafeeiras do país. O pórtio de Santos arrebatou ao Rio de Janeiro a primazia na exportação do café.

A medida que os cafezais avançaram pelo planalto piratinigano, encontrando aí condições ideais de clima e solo, multiplicavam-se aos milhares, constituindo o que Enrico Ferri considerou "a obra mais notável do gênio agrícola do mundo".

Na sua avançada ininterrupta em busca de terras virgens, o café conquistou as zonas da Paulista e Mogiana; depois, a Araraquarense, Alta Sorocabana, Noroeste... Surgem as "cidades-cogumelos, do dia para a noite, na boca do sertão desbravado pelo cafeeiro".

A extraordinária fertilidade das novas terras exploradas, a relativa facilidade de comunicações, atraem para os sertões grandes levas de imigrantes estrangeiros e elementos nacionais. A região tód se povoa e enriquece.

E o café continua na sua irresistível marcha para oeste. "Sempre e cada vez mais à cata da terra virgem", invadindo o norte do Paraná e o sul de Goiás.

A retardada, entretanto, os cafezais mais antigos vão sendo abandonados. A monocultura cede lugar à policultura; as plantações antigas são substituídas por pastagens artificiais para a criação de gado; os grandes latifúndios se subdividem em pequenos sítios explorados por antigos colonos imigrantes, e se instalam as indústrias.

Este desenvolvimento extraordinário da lavoura cafeeira faz do Estado de S. Paulo um dos maiores centros de produção de todo o mundo. Diferentes fatores se conjugam favoravelmente para dar-lhe tal primazia: condições climáticas apropriadas, fertilidade natural do solo, mão-de-obra numerosa e vias de comunicação bem distribuídas.

Relativamente às condições climáticas exigidas pelo cafeeiro para o seu plano desenvolvimento e produção, os fatores decisivos são a temperatura e o regime de chuvas. A temperatura média mais favo-

rável à sua cultura oscila de 17° a 24°C. A planta não suporta calor nem frio excessivos e é para protegê-la contra o excesso de calor que nos países tropicais se pratica o sombreamento dos cafezais.

A distribuição das chuvas é fator importantíssimo: no início da primavera, com a elevação da temperatura e as primeiras chuvas dá-se a floração dos cafezais, devendo a estação chuvosa estender-se até o período da maturação dos frutos. A época seca deve coincidir com a colheita e o tratamento do café nos terreiros.

Neste duplo ponto de vista, o Estado de S. Paulo oferece ao cafeeiro condições excepcionais.

Quanto ao solo, exige o cafeeiro terrenos de solo profundo, por causa de seu grande desenvolvimento radicular; permeáveis, sendo como é a umidade estagnada extremamente nociva à planta, e ricos de humo. Reunindo todas estas qualidades físicas, as terras provenientes do desbravamento das matas são as preferidas para as plantações de café.

A "terra-roxa", principalmente, e a "terra-massapé", providas dos elementos



Francisco de Melo Palheta, introdutor do café no Brasil.

nutritivos necessários à planta, reúnem as propriedades indispensáveis ao bom rendimento dos cafezais. Neste particular, o Estado de S. Paulo é bastante favorecido.

Por causa mesmo da umidade, o café deve ser plantado em terrenos ondulados, porque nos lugares em declive as águas não permanecem em quantidade maior do que a necessária para saturar o solo e esta quantidade de água é suficiente para satisfazer as exigências da planta. Qualquer excesso é prejudicial ao cafeeiro e, conseqüentemente, à qualidade do produto.

Na plantação dos cafezais é importante também a altitude, por causa das geadas. Em S. Paulo, as plantações são feitas, de preferência, entre 600 e 850 metros, para evitar os prejuízos que podem as geadas causar, principalmente, aos cafezais mais jovens.

É frisante a diferença entre as condições de cultura de S. Paulo e dos demais Estados do Brasil.

Contrastando com a superioridade natural da grande região cafeeira paulista, os outros Estados que produzem também café — Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia — não apresentam, no seu conjunto, condições tão favoráveis. Só nos terrenos montanhosos a cultura com